

## **O Diário de Ribeirão Preto**

**22/5/1985**

### **Já são mais de 70 mil bóias-frias em greve**

A greve na região de Ribeirão Preto atingia ontem mais de 70 mil bóias-frias e espera-se para hoje uma ampliação do movimento. A meta da Fetaesp é parar todos os 150 mil cortadores de cana da região e estender a paralisação para as regiões de Jaú, Araras, Piracicaba e Sorocaba, além de contar com maior adesão dos trabalhadores do setor citrícola, que também pedem melhor remuneração. Apesar de pequenos incidentes, os piquetes foram considerados pacíficos pela polícia, nos 14 municípios em greve.

Depois das paralisações parciais em Bebedouro e Batatais que atingiram na segunda-feira 4.500 apanhadores de laranja e colhedores de café, ontem foi a vez dos cortadores de cana de Sertãozinho, Pontal, Serrana, Barrinha, Pitangueiras e parcialmente Santa Rosa de Viterbo, Altinópolis, Orlândia, Sales Oliveira, Brodosqui e Morro Agudo, aderirem ao movimento. Em Barretos, parte dos apanhadores de laranja também decidiu parar.

A decisão foi tomada em assembléia à noite, depois da reunião de mais de onze horas entre a Faesp (Federação da Agricultura) e Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) com o ministro do Trabalho Almir Pazzianotto, na DRT, em São Paulo, sem resultados positivos. Na maioria das cidades, as comissões de greve foram formadas e os trabalhadores foram direto para os piquetes, que começaram à partir das 3 horas da madrugada.

### **TENSÃO EM PONTAL**

"Nosso objetivo é fazer com que os usineiros tenham prejuízos para que possam pensar e reconhecerem a legitimidade de nossas reivindicações", afirmou Sebastião Rosendo Leal, 45 anos, que aguardava uma das saídas de Pontal, município de 20 mil habitantes, a 40 quilômetros de Ribeirão Preto, onde o clima de tensão foi muito grande no dia de ontem.

Todos os 10 mil bóias-frias da cidade cruzaram os braços e exigiram que os operários das três usinas de açúcar locais também entrassem em greve. As sete saídas do perímetro urbano foram bloqueadas e o comércio chegou a fechar as portas, na parte da manhã, mas nenhum incidente foi registrado. Uma pequena confusão foi registrada num dos pontos, onde os piqueteiros estavam proibindo a entrada dos carros particulares e quiseram impedir a entrada de um delegado de polícia, que sacou de um revólver e furou o bloqueio.

"Essa greve vai até quando eles (os usineiros) resolverem sentar na mesa de negociações e fazerem propostas mais decentes", advertiu o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Jairo da Costa, prevendo que a paralisação deverá ser mais longa que as duas últimas ocorridas em maio do ano passado e em janeiro último.

### **SERTÃOZINHO**

Em Sertãozinho, município de 70 mil habitantes e o maior produtor de açúcar e álcool do País, onde a Fetaesp instalou seu QG no Ginásio de Esportes Pedro Ferreira dos Reis, o Docão, cedido pelo prefeito Joaquim Marques (PMDB), a greve atingiu todos os 15 mil bóias-frias. Todas as saídas e mesmo as estradas vicinais foram ocupadas por piquetes e, segundo dados do sindicato local, nenhum trabalhador chegou aos canaviais.

Cerca de 500 pessoas se reuniram pouco depois das 6 horas no núcleo habitacional Antonio Ortolan, onde reside a maior parte dos cortadores de cana da cidade, e decidiram ampliar a paralisação, que logo atingiu os funcionários das cinco usinas do município. O único incidente registrado foi na parte da manhã, nas proximidades da Usina São Geraldo, quando o vereador

Luiz Carlos Garcia (PMDB), um ex-bóia-fria que está liderando a greve, quase foi atropelado pelo motorista de um caminhão de um empreiteiro de mão-de-obra.

Todos os 12 mil bóias-frias de Barrinha aderiram, onde os piquetes também foram calmos, apesar das previsões em contrário. Cerca de 20 caminhões tipo "pau-de-arara", que fazem o transporte dos trabalhadores para os canaviais, ficaram estacionados durante quase todo o dia na praça principal, defronte os prédios da Câmara, Prefeitura e Posto da Polícia Militar. "A Usina São Martinho orientou-nos a ficar por aqui até segunda ordem, para que as autoridades tomem alguma providência e garanta o direito ao trabalho", informou um agenciador, que não quis se identificar.

Na parte da tarde, os bóias-frias decidiram em assembléia prosseguir com o movimento, o mesmo acontecendo em Pitangueiras, onde 7 mil pararam. Os trabalhadores se revoltaram contra a liberação dos caminhões que transportavam cana para as usinas e resolveram tomar, por alguns minutos um trecho da rodovia Armando de Sales Oliveira, a estrada da Laranja, obstruindo o tráfego. O comandante da Polícia Militar na região do Bebedouro, capitão PM Milton Pink, entrevistou pessoalmente e convenceu os piqueteiros de que os caminhoneiros ainda não sabiam da greve.

Ainda no setor canavieiro, as paralisações foram totais em Serrana (8 mil), e Batatais (5 mil sendo metade da área do café). Em Altinópolis (2.500) e Santa Rosa de Viterbo, (2 mil) a paralisação foi parcial, mas os sindicatos esperam adesão total para hoje. "Vamos parar o que for possível para conseguir o atendimento de nossas reivindicações", prometeu José Dela Costa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Pitangueiras.

Entre os apanhadores de laranja, a greve ainda apresenta números modestos, mas o presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Bebedouro, José Nunes Nascimento, espera a adesão de várias cidades para hoje. É o caso, por exemplo, de Monte Azul Paulista e Terra Roxa, onde os bóias-frias decidiram ontem em assembléia engrossar o movimento. Além dos 6 mil dos 10 mil trabalhadores de Bebedouro, o maior produtor de citros do País, a paralisação atingia ontem 2 mil em Viradouro e cerca de 500 em Barretos.

A Fetaesp voltou a advertir sobre a possibilidade de "uma grande convulsão social", e disse estar disposta a firmar acordos separados com as empresas. Estas, no entanto, informaram que estão funcionando normalmente e divulgaram através de Imagem, empresa que presta assessoria as usinas e destilarias de álcool da região de Ribeirão Preto, sua versão sobre o movimento. Segundo ela, admitem a participação de apenas 6 mil trabalhadores na greve. O policiamento foi reforçado em várias cidades para evitar os piquetes violentos, depredações e saques em supermercados, mas a Polícia Militar da área não informou a quantidade de policiais e mação e nem se pediu ajuda de outras regiões.